

O CINEMA COMO CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA: COMO CABRA MARCADO PARA MORRER (1984) EVIDENCIA A IMPORTÂNCIA DA LUTA CAMPONESA PARA A REFORMA AGRÁRIA BRASILEIRA

LUÍSY PACHECO CORREIA¹; IZADORA DE LAFORET PADILHA RODRIGUES²;
MARIA EDUARDA DA COSTA LEITE³; HENRIQUE MENDES GOMES⁴; ROBERTO
RIBEIRO MIRANDA COTTA⁵

¹ Universidade Federal de Pelotas – pachecoluisy@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - izapadilha.rodrigues@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – mariaeduardadacostaleite9@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas - henrigomes760@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – robertormcotta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge a partir de uma proposta realizada na disciplina de Cinema Brasileiro, ministrada pelo professor Roberto Cotta, no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Com base nas aulas ministradas, o grupo escolheu como objeto de análise o documentário *Cabra Marcado Para Morrer* (Eduardo Coutinho, 1984). A história surge na década de 60, após o líder de uma grande liga camponesa ser assassinado. Junto a isso, surge a ideia de Coutinho, de que a trajetória desse homem fosse documentada em um filme. Com o golpe militar de 1964, as filmagens acabaram sendo interrompidas e os camponeses envolvidos na produção do filme tiveram que transformar suas vidas perante a perseguição latifundiária e militar. Dezessete anos depois, Coutinho retoma as gravações, mas com novas perspectivas e formas diferentes de apresentar a narrativa.

Em *Cabra Marcado Para Morrer*, o primeiro foco era a ação política do líder da Liga Camponesa da Paraíba, João Pedro Teixeira, o qual foi assassinado em 1962. Com a retomada das gravações, dezessete anos após o confisco dos materiais pelo regime militar, uma abertura política foi assinada, fazendo com que Coutinho tivesse a sua ideia ampliada para além de uma dramatização de acontecimentos reais. Agora, *Cabra Marcado Para Morrer* (1984), torna-se um documentário, mostrando a realidade crua dos camponeses brasileiros, aprofundando a fusão entre a arte e a luta de classes.

2. METODOLOGIA

Em primeira instância, os quatro autores deste artigo assistiram ao filme individualmente e, a partir de seus conhecimentos prévios unidos aos ensinamentos aprendidos durante as aulas da disciplina de Cinema Brasileiro, em conjunto, construíram uma reflexão sobre a importância da obra em análise para um assunto recorrente dentro da história da sociedade brasileira: a reforma agrária.

A partir dessa primeira incitação foram feitas pesquisas sobre a temática escolhida, revisitando a história de nosso país, discutindo sobre as problemáticas ao redor, ampliando nosso repertório e, por fim, a construção desta pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A constituição do campesinato brasileiro é resultado da formação socioeconômica do povo em uma realidade de migrações forçadas. Os camponeses do Brasil representam a união sociocultural dos pilares étnicos presentes no país: povos originários, africanos escravizados e migrantes europeus.

A luta das Ligas Camponesas tomou força em 1945, após o fim da Era Vargas, com o retorno do país à democracia. Junto a isso, entre 1945 e 1947, as massas camponesas estavam atreladas ao Partido Comunista, organizando-se sindicalmente em quase todos os estados brasileiros. Contavam também, com representações em assembleias estaduais e municipais, e com contribuição da votação camponesa, resultando em um movimento agrícola altamente centralizado em busca do reconhecimento de todas as organizações presentes no país por lei. Porém, em 1946, com a proscrição do Partido Comunista (PCB), o movimento foi perdendo força e reduziram-se as organizações de trabalhadores no Brasil.

Em 1954, houve o ressurgimento das Ligas Camponesas no estado de Pernambuco e, no mesmo ano, organizaram-se em outros estados do Nordeste. Mesmo com o PCB na ilegalidade, o partido criou a União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas (ULTAB), organizando-se em quase todo o território nacional, pretendendo realizar uma aliança camponesa operária. No ano de 1962, as ligas já estavam em grande ascensão novamente, promovendo a criação de uma consciência nacional em favor da reforma agrária. Em suas ações, os camponeses resistiam e passaram a realizar ocupações. O crescimento da luta pela terra dimensionava a questão agrária, colocando-a na pauta política.

Com movimentos rurais coexistindo em todos os cantos do Brasil, como o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER), os camponeses organizaram-se em assentamentos e territorializando a luta pela terra. Contando também com organizações que tinham apoio de partidos, de governos estaduais e municipais, com trabalhadores rurais lutando pelos seus direitos e articulando-se de maneiras que resultados positivos fossem percebidos. Ao mesmo tempo que isso acontecia, os militares dissolveram o parlamento e realizaram o golpe de 1964, acabando com os movimentos camponeses presentes no país.

De meados da década de 60 até o final da década de 70, as lutas camponesas eclodiam por todo o território nacional, os conflitos fundiários triplicaram e o governo, ainda na perspectiva de controlar a questão agrária determinou a militarização do problema da terra. A militarização proporcionou diferentes e combinadas formas de violência contra os trabalhadores. (FERNANDES, 1999)

De acordo com a Lei nº 4.504/64 (Estatuto da Terra) reconhece-se como reforma agrária o conjunto de medidas que visam promover a melhor distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social e ao aumento de produtividade.

No período descrito na presente pesquisa, os camponeses lutavam pela reforma agrária, visando a redistribuição de terras que eram pouco exploradas e propriedades latifundiárias. A agricultura familiar acaba por ser muito afetada, devido à falta de reestruturação social e territorial, enquanto os donos de grandes terras desfrutam de maior parte dos bens de consumo. A desigualdade social perante esta falta de distribuição de terras dificulta o desenvolvimento econômico populacional.

A história do Brasil é marcada pela violência. O espaço agrário, durante toda a história do país, foi e continua sendo, palco de violentos conflitos por terra e liberdade. Muitas vidas de

camponeses, líderes sindicais, índios, religiosos foram ceifadas ao se oporem ao território do latifúndio reinante no Brasil. (JESUS, 2011)

As captações de *Cabra Marcado Para Morrer* (1984) começaram no ano de 1964, com o intuito de contar a trajetória do líder da Liga Camponesa da Paraíba, João Pedro Teixeira. Porém, com o golpe militar, as gravações foram interrompidas e os envolvidos tiveram que viver de forma reclusa, distanciando-se das lutas diárias pelas quais batalhavam diante da perseguição sofrida.

As filmagens do longa-metragem passaram por empecilhos, incluindo, um ataque dos militares contra os camponeses que deixou onze mortos, mas mesmo com estas incursões militares, Eduardo Coutinho e os envolvidos no projeto permaneceram fortes. “Contávamos com um elenco de camponeses que podiam dedicar ao trabalho no filme um tempo que lhes pertencia. Eles eram agora donos de suas terras, graças a uma luta de quatro anos que culminou na desapropriação de Galiléia.”(COUTINHO, 1984), sendo assim, era perceptível a vontade dos camponeses em realizarem o projeto para que suas lutas fossem memoradas através da conclusão do longa-metragem.

Observando com base na visão e vivência apresentada, a produção de *Cabra marcado Para Morrer* (1984) expressa com clareza a fusão criada pela luta de classes e pela arte dentro dessa Liga Camponesa, local em que os próprios camponeses explorados usufruem da arte como forma de expressão, materializando sua luta de maneiras diferentes e tomando consciência da importância de sua pugna pela emancipação.

Em *Cabra Marcado Para Morrer* (1984) as barreiras são diluídas. Trabalhadores e produtores intelectuais andam lado a lado lutando na mesma barricada, ação essa construída pela fervura dos movimentos sociais, permitindo a fusão plena entre intelectuais e artistas, que tomam o lado dos oprimidos, e estes, que encontram e reconhecem a arte como sua, e, principalmente, como uma aliada durante a luta. Porém, todo o esforço e mudanças obtidas neste meio tempo, foram derrubados quando o Golpe Militar de 1964 foi instaurado.

Dezessete anos depois, Eduardo Coutinho assume novamente a produção do longa-metragem. Coutinho reencontra Elisabete Teixeira, viúva de João Pedro Texeira, e uma das maiores representações de liderança na luta camponesa, procurando retomar a história e saber mais sobre a situação dos envolvidos no projeto após o golpe, que anos antes paralisava as gravações.

Eduardo Coutinho finalizou a obra em 1984, apresentando uma proposta diferente da começada em 1962. O diretor acaba entregando um retrato histórico de diferentes décadas das lutas camponesas brasileiras, porém com vivências e relatos que representam todas as ligas, essas que almejam a reforma agrária.

Concluindo sua obra em 1984, Eduardo Coutinho, legou um retrato incrível das lutas camponesas no início dos anos 1960, e de como o golpe militar teve como prioridade acabar com a luta no campo, perseguir, matar, torturar todos aqueles que tinham envolvimento com ela em qualquer nível. Fica para nós a lição da luta pela reforma agrária como uma tarefa para a revolução socialista no Brasil, e também da profundidade transformadora que pode ter a arte quando é tomada como uma ferramenta daqueles que querem construir um novo mundo. (PARDAL, 2015)

4. CONCLUSÕES

Com isso, concluímos que ao trazer o tema das Ligas Camponesas para o cinema, Eduardo Coutinho escancarou o tabu da reforma agrária, esse que podemos classificar como um dos maiores da sociedade brasileira, colocando a pauta em um dos meios mais elitistas de consumo cultural do Brasil. O consumir cinema, ou também, fazer cinema, sempre foram exclusivos para as elites; as representações nas telas eram, de sua maioria, representações das classes dominantes, culminando no fato de que não são todas as classes sociais que obtêm o direito de usufruírem, da maneira que for, da sétima arte.

Quando Eduardo Coutinho coloca os próprios camponeses para contarem suas histórias de vida, ele dá autonomia aos indivíduos donos dessas vidas. *Cabra Marcado Para Morrer* (1984) recolhe fragmentos brutos de duas décadas, memórias de vidas inteiras, agrupando cada estilha de maneira linear, utilizando de imagens de arquivo, reportagens, dublagens, narrações, músicas, planos captados durante todos os anos de filmagens, utiliza da memória e, claro, escancara a luta do campesinato brasileiro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MORAIS, Clodomir santos de. **História das ligas camponesas do Brasil**. Brasília: IATTERMUND, 1969.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Brasil: 500 anos de luta pela terra. **Revista Cultura e Vozes**, número 1, ano 93. Editora Vozes, Petrópolis, 1999.
- JESUS, Alex Dias de. Das Ligas ao MST: luta pela terra e a territorialidade camponesa. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica. v. 2, n. 1 , p. 1 - 14, 2011.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. **Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Avançados. Dossiê Desenvolvimento Rural**, v. 15 n. 43. p. 1 - 22, 2001.
- PARDAL, Fernando. **Cabra marcado para morrer – arte e luta no campo brasileiro**. Esquerda Diário, São Paulo, 01 abr. 2015. Acessado em 22 de mar. 2025. Online. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Cabra-marcado-para-morrer-arte-e-luta-no-campo-brasileiro-342>